

A crítica
24/9/97 A-3
271



Dezenove índios saterés-maués invadiram o hotel Mônaco para pedir ao advogado Ritta Bernardino o cumprimento das promessas feitas

Saterés reclamam de maus-tratos

Quinze índios saterê maué abandonaram ontem a colônia que ocupam ao lado do hotel Ariáú Tower, a 55 quilômetros de Manaus, ao longo da margem direita do rio Negro, de propriedade do empresário Ritta Bernardino. Pintados para a guerra, 19 descendentes da tribo fizeram uma manifestação ontem em frente ao hotel Mônaco, também de Bernardino. Eles estão revoltados com o não-cumprimento das promessas feitas pelo empresário, que levaram os indígenas a se mudar para aquele local.

O líder do grupo, Jucemir da Silva, 25, de nome indígena Merri (amigo), disse que os índios se sentiam ameaçados pela direção do hotel, que não atendia mais as necessidades de rancho, remédios e outros das três famílias que moravam na área. Segundo Jucemir, os índios foram convidados há cerca de um ano por Bernardino para ocupar a área e participar de atividades dirigidas aos turistas do hotel.

O que motivou a revolta foi a prisão do índio Misael, acusado de furtar uma bateria do hotel. Misael revela que sofreu pressão psicológica de seis funcionários do Ariáú Tower para confessar o crime, negado depois pelo próprio empresário. Os índios queriam dinheiro para retornar ao bairro da Redenção (Zona Centro-Oeste), de onde foram retirados. O gerente do hotel, José Lima de Souza, foi acusado de comandar os maus-tratos aos índios.

Cachaça - Mesmo discordando em parte dos argumentos dos índios, Ritta Bernardino garantiu ter dado R\$ 2,5 mil ao grupo e providenciado a transferência das famílias. O empresário diz que vai continuar comprando artesanato do grupo e pretende apresentar os rituais de outros índios aos clientes do hotel. Bernardino afirma que deu um motor e uma canoa ao grupo, doava rancho quinzenal para as famílias, incluindo remédios, além de uma ajuda de R\$ 100 e 70 litros de gasolina por mês.

O empresário conta que além de construir a maloca ocupada pelos índios, também dava transporte para as crianças irem à escola. "Eles também recebiam R\$ 500 por apresentação aos turistas, fora o que arrecadavam com a venda direta de artesanato", disse, imaginando um lucro de mais de R\$ 2 mil para o grupo ao mês.

Bernardino estima que os índios tenham sido orientados por pessoas mal-intencionadas para pressioná-lo. "Quando tirei o grupo da periferia eles viviam na miséria, com suas filhas se prostituindo e doentes", disse. O empresário afirma ter dado oportunidade para os índios melhorarem sua condição de vida. "Os índios não conseguem se manter com o que ganham porque bebem demais", disse. Já os índios afirmam que as apresentações aos turistas são raras e que a venda de artesanato é baixíssima no local.

Tuchaua relata dificuldades

Cerca de quatro mil saterê maué ocupam a reserva Andirá Marau, na região do rio Andirá, perto dos municípios de Barreirinha, Maués e Parintins. Há aproximadamente 25 anos parte das tribos se diluiu. Seus membros se transferiram para Manaus e para outros municípios do estado.

Segundo o autodenominado tuchaua dos saterê em Manaus, Korum Bené, 48, também conhecido como Benedito Carvalho, as famílias em Manaus se estabeleceram nas imediações dos conjuntos Santos Dumont e Hileia.

Uma média de 500 membros da etnia mora nestas áreas se mantendo com a venda de artesanato para a Funai e turistas. As mulheres que vivem do artesanato formaram a Associação das Mulheres Indígenas Saterê Maué (AMISM), visando unificar a produção e ven-

da dos artigos com a marca Saterê. Apesar da tentativa de organização, o grupo revela que vive em situação de dificuldade na periferia de Manaus, distante de sua cultura e sem alternativa para a ascensão social.

Estudar é o maior sonho dos índios, na opinião do tuchaua. "Nossos filhos precisam desta oportunidade, o que não estava sendo possível na colônia ao lado do hotel Ariáú", afirma.

Na comunidade indígena, localizada a 20 minutos da sede do hotel, os índios apresentavam rituais ainda não esquecidos pelos indígenas, como a dança da tucandeira, utilizada como rito de passagem da criança Saterê para a idade adulta. No ritual, as crianças cantam e dançam durante uma semana com a mão enfiada em luvas, recheadas com formigas tucandeiras.

19 índios protestaram ontem em frente ao hotel Mônaco. Eles se dizem enganados pelo proprietário Ritta Bernardino

O que é o Ariáú

Único complexo hoteleiro na copa de árvores na Amazônia, o hotel Ariáú Towers, distante duas horas e meia de barco saindo de Manaus, possui 210 apartamentos, com banheiros privativos e comunicação via telefone, fax e internet. O local possui ainda anfiteatro com 150 lugares, duas piscinas no nível das copas e auditório para mais de 350 pessoas. O Ariáú possui uma casa da ciência, com estande fixo do Inpa e biblioteca de temas amazônicos, peças de arte indígena e outros. O local, até então ocupado pelos saterê, é conhecido como Casa do índio, onde tribos amazônicas demonstram um pouco de sua cultura. No Ariáú também é possível receber serviços de um spa, utilizando ervas regionais. O hotel oferece ainda excursões pela selva, com guias especializados.



Uma comissão de saterés foi atrás do empresário em seu escritório